

A GUERRA DESCRITA POR SEUS OPERÁRIOS.

THE WAR DESCRIBED BY ITS WORKERS.

NEITZEL, SÖNKE; WELZER, HARALD. SOLDADOS: SOBRE LUTAR, MATAR E MORRER. TRADUÇÃO: FRANCISCO FIGUEIREDO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2014. 495 p.

JOSÉ AIRTON FERREIRA DA COSTA JÚNIOR*

Soldados é um trabalho surpreendente, pois, dentre as inúmeras análises já produzidas a respeito do conflito mundial ocorrido entre os anos de 1939 e 1945, ele consegue se destacar como um estudo inovador no que diz respeito à historiografia relativa à Segunda Guerra Mundial e à história militar como um todo. Grande parte desse mérito se deve ao fato da pesquisa empreendida por Sönke Neitzel e Harald Welzer (o primeiro é doutor em História pela Universidade de Mainz, enquanto o segundo é doutor em sociologia e livre-docente em Psicologia Social pela Universidade de Hannover) ter como diferencial a utilização mais detida de um conjunto documental inédito: os diálogos entre soldados alemães mantidos prisioneiros pelos Aliados.

A documentação utilizada é proveniente dos serviços secretos Aliados, que construíram prisões especificamente para esse fim. Essa ideia não era propriamente nova, uma vez que em 1918 os britânicos já pensavam na possibilidade de extrair algum tipo de informação relevante

Resenha recebida em 20 de fevereiro de 2017.

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. (Email: joseairtonhistoria@outlook.com)

dos prisioneiros alemães “instalados” em locais dotados desses equipamentos ocultos. Entretanto, com o final da guerra, as instalações não entraram em funcionamento e a ideia foi posta de lado, sendo retomada em 1939, quando o Ministério da Guerra britânico criou um centro especial de interrogatório para os prisioneiros de um eventual conflito. Tal conceito foi posteriormente apropriado pelos norte-americanos, que desenvolveram seus próprios complexos destinados a essa mesma finalidade.

Por intermédio desses registros, os autores desenvolveram seu estudo partindo de uma nova perspectiva: a visão da guerra a partir das experiências (relatos) dos integrantes das forças armadas alemãs (Wehrmacht). Trabalhos anteriores já se utilizaram de registros de ex-combatentes, sobretudo das fontes de natureza memorialística. Entretanto, tais registros são muitas vezes problemáticos, pois o historiador se depara com dificuldades relativas à intencionalidade daquele tipo de produção, com a questão de que as mesmas foram confeccionadas posteriormente aos acontecimentos e, ainda, com as consequências decorrentes dos mesmos. Em muitos casos esses materiais objetivavam servir como forma de diminuir o estigma de seus autores em relação ao apoio ou conivência com o nazismo.

Diferentemente das memórias, os diálogos gravados nos campos de prisioneiros não contavam com essas “intervenções”. Isso ocorria por conta de seus interlocutores não saberem qual seria o desfecho do conflito, não precisando, dessa forma, conter seus comentários sobre as ações executadas. Outra característica desse material empírico relaciona-se à questão de que esses indivíduos estavam narrando suas experiências para sujeitos que também haviam passado por situações parecidas e, portanto, não haveria, a princípio, nenhuma reprovação ou condenação de cunho moral.

Para compreender a “visão” da guerra a partir da perspectiva dos integrantes da Wehrmacht, Sönke e Harald utilizaram-se da ferramenta analítica conhecida como “marco referencial”, que será descrita, de forma sucinta, nas linhas seguintes. Cada ação humana resulta da interpretação da percepção de fatores diversos. As interpretações são tomadas a partir de alguma orientação. Esta última condiciona-se pela compreensão do contexto em que o indivíduo está inserido e na projeção das consequências de suas eventuais ações.

Assim, cada orientação cria uma matriz de modelos interpretativos que se baseiam nos fatores anteriores (contexto e projeção). A existência dessa matriz permite uma “economia de ações”, uma vez que, ao se expor a uma situação semelhante a uma circunstância anteriormente experimentada, o sujeito não precisa dispor de muito tempo para refletir sobre qual a melhor maneira de se portar e agir diante da mesma. Marco referencial é o nome dado a essa matriz.

Existem quatro “ordens” de marco referencial, mas apenas os de 2ª e 3ª ordem foram utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Os marcos referenciais de 2ª ordem são mais circunscritos histórica e culturalmente, abrangendo realidades e espaços que podem ser delimitados de diversas maneiras: duração de um regime político (ditadura, regência, monarquia, democracia), vigência de uma constituição, dentre outros. Os de 3ª ordem são mais específicos ainda, pois dizem respeito a uma determinada cadeia de acontecimentos mais particularizados, nos quais determinados grupos atuaram. Um exemplo bastante ilustrativo nesse sentido é o da guerra (acontecimento particular) e seus combatentes (grupo específico envolvido).

Assim sendo, os marcos referenciais de 1ª ordem (que abrangem a estrutura histórico-social “de fundo” no período que compreende as ações dos sujeitos) e os de 4ª ordem (relacionados à análise do perfil psicológico de cada indivíduo, premissa para a compreensão das motivações de seus atos e comportamentos frente a situações mais singularizadas) não seriam viáveis para a forma que os autores pretendiam se utilizar da documentação.

Em relação ao tipo de sociedade que foi sendo constituída ao longo dos 12 anos de duração do Terceiro Reich, Sönke e Harald fazem uma observação bastante perspicaz: o funcionamento social do período nazista não se deveu ao processo de homogeneização da população, como grande parte dos trabalhos afirmavam; ele foi, antes de tudo, baseado na manutenção da diferença entre aqueles que faziam parte da “comunidade ariana” (incluindo, neste grupo, até mesmo os alemães que se opunham ao regime) e os “outros”, constituindo-se no principal fator de fundamentação da sociedade alemã nesse período. Restringir, excluir, expropriar todos os “não membros” foi um processo social altamente integrativo para o grupo dos partícipes, pois era nessas práticas que residia todo o poder de penetração e sedução do projeto nacional socialista.

Outra característica dessa sociedade é o fato de que a assimilação de um marco referencial nazista se desenvolveu em um contexto em que o cotidiano dos alemães permaneceu praticamente inalterado, demonstrando uma imagem de normalidade para aqueles que viveram o período. Desta feita, os valores ligados ao trabalho e o desempenho eficaz das funções sofreu uma ressignificação: com a guerra e o desenvolvimento prático da política eugenista, os indivíduos que assimilaram o novo marco referencial se envolveram nessas duas atividades sem questioná-las de forma mais profunda, uma vez que, para eles, ambas eram prolongamentos de seus afazeres cotidianos.

Podemos perceber isso nos relatos dos soldados apresentados pelos autores no decorrer do livro. As narrativas da experiência nos mais diferentes campos de batalha tem um aspecto de rotina para aqueles sujeitos. Além disso, algumas características do novo marco referencial ficavam bastante evidentes. Os relatos dos membros da Luftwaffe (força aérea) apresentam três características marcantes. A primeira delas relaciona-se com a semelhança dos episódios narrados com a descrição de uma caçada, na qual pilotos de caças e de bombardeiros, bem como a tripulação destes em particular, se viam no papel de abater suas “presas” em potencial (alvos físicos, como ferrovias e instalações industriais, a população civil e os soldados inimigos) com a maior precisão possível.

Seguindo essa descrição, apresenta-se a segunda característica desse tipo de experiência: a preocupação com a referência aos aspectos técnicos empregados tanto na execução das missões, quanto dos equipamentos utilizados nas mesmas, incluindo também aqueles de posse das tropas aliadas. Por último, destaca-se o papel desempenhado pelas habilidades pessoais, sobretudo dos pilotos, como um dos fatores decisivos para o desenvolvimento dessas atividades.

As discussões técnicas, diferentemente do que ocorria com os integrantes da aeronáutica, não foram um tema muito recorrente nas conversas travadas entre marinheiros e soldados de infantaria e de seus respectivos oficiais. Em relação aos primeiros, Neitzel e Welzer argumentam que tinham pleno conhecimento da superioridade britânica, posteriormente aliada, nesse campo, tanto em termos tecnológicos quanto na capacidade de produção de novas embarcações.

No que se refere aos segundos, a justificativa gira em torno do equilíbrio dos equipamentos utilizados por todos os beligerantes ao longo do conflito, pois no decorrer da guerra praticamente não houve inovações impactantes. Os diálogos sobre condutas individuais nessas duas armas eram escassos devido à forma mais coletiva de ação de ambas. Além disso, os soldados da infantaria e os marinheiros não podiam auferir os resultados de suas ações de maneira tão imediata quanto os membros da força aérea.

Elemento comum a todas essas narrativas é a ausência de reflexões sobre as vítimas ou os alvos a serem abatidos. Segundo os autores, o importante para os soldados era cumprir as ordens determinadas de maneira eficaz. Enquanto “operário da guerra”, o soldado tem pouca margem de escolha e ação. Além disso, deve-se ter em mente que, diferentemente de outros tipos de trabalhadores, sua função primordial é eliminar aqueles definidos como os inimigos.

A partir da definição e delimitação do marco referencial do Terceiro Reich e do que se pode considerar como o marco referencial da guerra, os autores fizeram conclusões interessantes. Ações perpetradas pelos soldados da Wehrmacht, como aquelas em que populações inteiras de vilarejos foram dizimadas sob a suspeita de serem ou auxiliarem guerrilheiros, não foi algo peculiar à assimilação dos valores nazistas pelos combatentes. Atitudes semelhantes ocorreram, por exemplo, na guerra do Vietnã, cujos soldados norte-americanos exterminaram aldeias vietnamitas argumentando que as vítimas colaboravam com os vietcongues.

Outro exemplo diz respeito ao assassinato de prisioneiros de guerra, algo comum a outros conflitos e legitimado pelo desejo de vingança das unidades ou pelo cálculo de que transportar, alimentar e vigiar os sujeitos capturados representava mais dificuldades, além dos perigos a que os soldados ficavam expostos. Assim, a crueldade e brutalidade que muitos trabalhos classificaram como elementos caracteristicamente nazistas, na verdade, são elementos intrínsecos à própria dinâmica da guerra, pois, como os autores observaram, elas ocorreram de maneira bastante similar em outros conflitos.

Para Sönke e Harald, o que de fato seria especificamente nazista no conflito diz respeito às atividades em que setores da sociedade alemã que não estavam propriamente nos *front* de batalhas contribuíram para o esforço de guerra: auxiliando na denúncia e expropriação dos não membros da “comunidade ariana”, especialmente os judeus; no transporte desses indivíduos; no desenvolvimento de equipamentos e técnicas para o seu extermínio de forma mais efetiva.

Tudo isso a partir do marco referencial que legitimava esses atos, uma vez que os sujeitos expostos a essas ações não eram tidos como iguais perante os alemães e, portanto, atividades daquele tipo eram perfeitamente justificáveis, não constituindo nenhum ato de transgressão moral ou de reprovação. Em relação aos soldados isso também era válido, pois, nos relatos das chamadas “ações judaicas” ou da execução de prisioneiros diversos nos campos de concentração, essa atividade era já naturalizada pelos mesmos, algo que fazia parte de sua rotina e que, devido à assimilação de um novo marco referencial, não despertava nenhum tipo de questionamento de cunho ético ou moral.

O que chama a atenção nesses relatos não é a preocupação com as vidas humanas que foram ceifadas, mas com a possibilidade dos vestígios dos corpos virem a ser descobertos pelos aliados. Nesse sentido, o temor dos soldados girava em torno das consequências que esses atos teriam perante, e somente, os ingleses e americanos, pois a reflexão sobre o valor da vida de um judeu enquanto ser humano foi um elemento ausente em suas reflexões.

Para concluir, a análise empreendida por Sönke Neitzel e Harald Welzer desmistifica algumas visões consolidadas sobre a Segunda Guerra Mundial, apresentando uma interpretação inovadora do conflito, bem como do período imediatamente anterior ao mesmo. Mas, sobretudo, alerta para o fato de que a utilização da violência em escalas semelhantes as que se observaram no conflito de 1939 a 1945 manifestam-se até hoje, e que a legitimação de seu uso depende de uma tênue fronteira entre aquilo que é ou não socialmente aceito em determinados contextos históricos.